

Identidades nacionais na fronteira entre Portugal e Espanha¹

José Lindomar Albuquerque²

Resumo: O artigo aborda as identidades e alteridades relacionais de portugueses e espanhóis na fronteira luso-espanhola a partir das investigações empíricas de pesquisadores portugueses e espanhóis realizadas em pequenas cidades fronteiriças. O trabalho visa a sistematizar as noções de identidade relacionadas ao contraste entre iberismo e nacionalismo e as identificações nacionais e locais em lugares específicos da raia luso-espanhola, bem como problematizar a própria situação nacional dos investigadores de fronteira no contexto de realização de seus trabalhos de campo.

Palavras-chave: Fronteira; identidade; nação; raiano.

National identities at the borderland between Portugal and Spain

Abstract:

The article discusses the relational identities and alterities of Portuguese and Spanish in the luso-spanish borderland, based on the empirical investigations of researchers from both countries carried out in border cities. This work aims to systematize the notions of identity related to the contrast between iberianism and nationalism and the national and local identifications in specific places of the luso-spanish borderland, as well as to problematize the own national situation of the researchers in the context of accomplishment of its field

Keywords: border; identity; nation, frontiersman

Introdução

O pensamento social brasileiro é fértil em apresentar diferenças históricas, políticas e psicológicas entre portugueses e espanhóis no contexto da Península Ibérica e do processo de colonização da América. Tipos polares, visões essencialistas do caráter nacional e leituras nacionalistas alimentaram essas diferenças entre Espanha e Portugal, países situados na fronteira da Europa, em uma “região indefinida” entre o continente europeu e o africano (HOLANDA, 1995; FREYRE, 2001). Lembramos aqui da metáfora da “semente” e do “ladrilho” de Sérgio Buarque de Holanda ao contrastar os portugueses semeadores aos espanhóis ladrilhadores no processo de formação das sociedades coloniais na América. Podemos também recordar ainda o contraste, formulado por Manoel Bomfim, entre os portugueses nacionalistas e centralizadores e os castelhanos particularistas, sobranceiros e faccionistas (BOMFIM, 1997, p.77).

1 Esse trabalho é parte de uma pesquisa de estágio pós-doutoral na Universidad Pablo de Olavide de Sevilla, Espanha, desenvolvido de dezembro de 2010 a março de 2011, com bolsa da Fundación Carolina/CAPES e orientada pelo professor José Valcuende del Río. Parte da reflexão que desenvolvo nesse artigo se deve ao diálogo que venho mantendo com José M. Valcuende, com Paula Godinho, María Lois, Heriberto Cairo Carou, entre outros pesquisadores.

2 Professor adjunto departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e coordenador do Núcleo de Estudos Fronteiriços da UNIFESP. Jose.lindomar@unifesp.br

Essas construções ensaísticas muitas vezes se fundamentaram em informações retiradas de livros de historiadores portugueses, reproduzindo as imagens nacionalistas que esses pensadores construíram de Portugal e as diferenças em relação ao país vizinho. Por outro lado, essas representações sobre Portugal e Espanha são parte da imaginação nacional de autores brasileiros construindo as narrativas sobre o Brasil e tecendo teias que ligam e desligam de uma matriz ibérica e de uma especificidade portuguesa. Trata-se de ensaios históricos que pensam portugueses e espanhóis no tempo dos descobrimentos e da colonização da América e que terminam, às vezes, essencializando e psicologizando determinadas diferenças “indelévels” desses povos ibéricos.

A relação entre identidade e alteridade entre portugueses e espanhóis pode ser abordada para além dessa tradição ensaísta, situando-a no contexto contemporâneo e na prática das pesquisas empíricas nas zonas de fronteiras entre Portugal e Espanha. O que pretendemos aqui é refletir sobre a identidade contrastiva nos territórios fronteiriços entre estes dois países no contexto atual da União Europeia a partir da análise de pesquisas recentes realizadas especialmente por pesquisadores portugueses e espanhóis na raia luso-espanhola.

O foco central é pensar a fronteira entre os dois países como uma zona de contato (PRATT, 1999), ou seja, um espaço relacional produtor de diferenças nacionais contrastivas no jogo das nomeações cotidianas. Nos trabalhos aqui analisados, a identidade “portuguesa” e “espanhola” deixa de ser vista como algo permanente e determinante a partir de grandes ensaios históricos e passa a ser problematizada, desde uma perspectiva microssociológica e etnográfica, como algo relacional, situacional, dinâmico e permeado por mapas cognitivos locais e por caminhos do “contrabando”, memórias, sociabilidades, estereótipos e outras expressões culturais contrastivas.

A raia ou fronteira territorial luso-espanhola tem uma extensão de 1.232 km desde Caminha - A Guarda, no norte de Portugal e Galícia, até Vila Real de Santo António - Ayamonte, no sul dos dois países. Trata-se de uma fronteira internacional bastante antiga e estável, traçada em grande parte pelo tratado de Alcanizes em 1297. O limite político atravessa distintas regiões de Portugal – Algarves, Alentejo, Beira Interior, Trás-os-Montes e Minho – e quatro comunidades autônomas da Espanha – Andaluzia, Extremadura, Castilla y León e Galícia. A região fronteiriça ou espaço interfronteiriço, zona que se estende de um lado e outro do limite internacional, compreende uma superfície de 138.923 km² e ocupa 23% do território da Península Ibérica (AMANTE, 2007, p. 97). Toda essa ampla faixa fronteiriça é conhecida como raia e seus habitantes como raianos. A raia é formada principalmente por pequenos povoados e pequenas cidades. Atualmente é a região menos desenvolvida economicamente dos dois países ibéricos. Essas áreas fronteiriças passaram por despovoamento na segunda metade do século XX, especialmente a partir da década de 1960 devido às migrações para os centros industriais e para outros países.

Figura 1: Mapa da Península Ibérica: fronteira Portugal/Espanha



Fonte: http://www.axefacil.com.br/espanha/espanha_inicial.htm, acesso em 5/07/2015.

Uma abordagem centrada nas regiões fronteiriças entre Portugal e Espanha permite pensar a complexidade das fronteiras e das identidades a partir de cenários concretos de estudos e de interações com a alteridade nacional. Mais do que pensar toda a Península Ibérica como uma zona de fronteiras entre a Europa e a África, o que pretendemos é discutir as fronteiras nacionais entre Portugal e Espanha no contexto da União Europeia e perceber como esses autores atuais têm produzido novas narrativas específicas para as transformações das fronteiras identitárias entre os dois países em contexto de integração regional.

Identidade nacional na fronteira

As manifestações de identidade nacional na fronteira são profundamente relacionais. A identidade não é algo definitivo, essencial, primordial. Trata-se, sobretudo, de um processo de interação social entre os indivíduos que permite construir, imaginar, designar formas de pertencimento coletivo em contraste direto com outros grupos de pertença. A identidade é, portanto, algo relacional e dinâmico definida no contraste com o outro, seja no âmbito da identidade individual ou/e coletiva (GIMÉNEZ, 2009; SILVA, 2000).

Os estudos antropológicos e sociológicos das fronteiras têm como referência relevante a problemática da identidade nas zonas de fronteiras étnicas a partir do trabalho pioneiro de Fredrick Barth (1998[1969]) “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. Neste ensaio clássico, a identidade é definida justamente na fronteira diferenciadora com outros grupos sociais. A identidade não é a expressão de uma cultura singular ou de determinados traços culturais diferenciadores, mas uma forma de mobilização e organização social e política dos

próprios grupos étnicos que selecionam e acentuam determinados sinais diacríticos diante de outros grupos em interação.

Essa interação não dissolve as diferenças entre os grupos, mas, pelo contrário, acentuam e reforçam as fronteiras étnicas. Embora Barth não estivesse pensando diretamente a particularidade das identidades nacionais nas zonas de fronteiras internacionais, outros autores mais recentes têm se preocupado com essa dimensão contrastiva e cotidiana da identidade nacional nos territórios fronteiriços. Os trabalhos do historiador Sahlins (1989) e dos antropólogos Donnan e Wilson (1999) e Grimson (2000, 2003) buscam pensar as singularidades das identidades locais e nacionais nos territórios de fronteiras internacionais e o papel ativo dos moradores fronteiriços na produção cotidiana das diferenças nacionais. Nessa direção, abordar as identidades nas fronteiras internacionais é discutir os complexos temas da nação, nacionalismo e cultura nacional a partir de uma perspectiva concreta de observação das populações que vivem nos territórios fronteiriços.

O argumento principal desse artigo é que viver em uma zona de fronteira nacional é acentuar geralmente, mas não exclusivamente, a identificação nacional do “nós” devido ao próprio contraste com um “outro” nacional próximo e em interação. Isto é, uma alteridade nomeada como nacional – espanhol e português – reforça uma identidade nacional cotidiana nos múltiplos cenários de interação fronteiriços.

Estamos de acordo que as identidades são múltiplas e uma mesma pessoa, dependendo da situação contrastiva, pode se identificar como portuguesa, meio espanhola, andaluza, fronteiriça, torcedora do Real Madrid, mulher, mãe e camponesa, entre outras identificações. Mas o que estamos acentuando é que nos contextos específicos de fronteiras internacionais a identidade nacional adquire uma hegemonia ou centralidade expressiva por meio de um jogo de espelho nacional que reflete um complexo sistema de sinais diacríticos nacionalizados em relação aos comportamentos pessoais e coletivos, maneiras de se vestir, de falar, de pensar, de comer. Além da nomeação nacional da origem imediata das mercadorias, coisas, animais etc. Viver na fronteira é expressar o poder simbólico de nacionalizar quase tudo que existe ou transita entre e nestes lugares fronteiriços.

A nação é geralmente uma experiência cotidiana na fronteira, um convívio de todos os dias marcado pelo jogo das nomeações, classificações e estereótipos entre pessoas de nacionalidades distintas. A identidade nacional declarada, que em muitos lugares distantes destes territórios fronteiriços ou das zonas de migração internacional só se manifesta em situações políticas ou simbólicas intensas (guerra, disputa política, copa do mundo etc.), parece ser a forma ordinária de viver na/a fronteira.

Neste artigo, priorizamos a discussão da identidade nacional a partir de três enfoques presentes nestes projetos, artigos e livros sobre a raia luso-espanhola: 1) a reflexão sobre a grande narrativa histórica sobre iberismo e nacionalismo entre Portugal e Espanha no cenário dos estudos de fronteira; 2) o jogo de classificação entre portugueses e espanhóis por meio de manifestações culturais e dos estereótipos atribuídos ao “outro” na vida cotidiana fronteiriça; 3) a situação específica de manifestações de identidades locais singulares, como aquela do povoado de Barrancos.

Iberismo e nacionalismo na fronteira

No início do projeto interdisciplinar “*El discurso geopolítico de las fronteras en la construcción sociopolítica de las identidades nacionales*”, os autores anunciam a importante vinculação entre

fronteiras e identidades nacionais: “a finalidade última do projeto é mostrar a relação existente entre as fronteiras do Estado-nação e a identidade nacional. Trata-se de estudar, no caso concreto da fronteira hispano-portuguesa, como a imaginação geopolítica dos Estados incide nas decisões de índole prática sobre as fronteiras, que constituem o espaço liminar necessário para a construção das identidades nacionais” (CAROU et al., 2008, p. 1).

A dinâmica da discussão entre identidade nacional e fronteira neste projeto é vista historicamente a partir das tensões entre iberismo e nacionalismo na fronteira luso-espanhola. Na introdução da coletânea *Portugal e Espanha: discursos de centro e práticas de fronteiras*, publicação derivada desse projeto de pesquisa, os investigadores enfatizam os momentos históricos em que o iberismo, ou seja, a defesa de uma unidade cultural e política entre os dois países, e o nacionalismo, demarcador de diferenças entre as duas nações ibéricas, tendem a delimitar os sentidos da fronteira entre Portugal e Espanha. Para os organizadores da coletânea, o nacionalismo português é geralmente imaginado a partir do antiespanholismo: “a função da fronteira como elemento simbólico serviu para moldar um nacionalismo identitário que, no caso português, foi impregnado por uma radical significação antiespanhola, em que a linha de partição imaginária se transformou em separação real” (CAROU; GODINHO; PEREIRO, 2009, p. 15).

Para os adeptos de uma perspectiva processual da formação nacional portuguesa, os conflitos e guerras com os espanhóis ao longo da história da entidade política autônoma, tais como a luta pela restauração da independência de Portugal contra a dominação filipina entre 1640 e 1668 ou a Guerra das Laranjas entre Portugal e Espanha em 1801, alimentam em Portugal um forte sentimento popular antiespanhol. Os códigos simbólicos de distinção da nação e do nacionalismo português se formam principalmente por meio de um anticastelhanismo/espanholismo (SOBRAL, 2003; DOMINGUEZ, 2004).

A tensão entre iberismo e nacionalismo é explorada mais nas análises macro, visualizadas no tratado político de fronteiras de 1864 e nos discursos oficiais em contextos de fronteiras rígidas (GODINHO, 2009; CAROU, 2009). Nos trabalhos empíricos situados na zona fronteira, a polaridade entre identidades nacionais e unidade ibérica não aparece como foco principal de observação. As categorias de diferença e unidade da Península Ibérica se dinamizam em uma complexidade de formas de classificação, de sentidos de pertencimento e expressões de identidades locais e nacionais conforme as situações vividas, as zonas de investigação e as próprias perguntas dos pesquisadores.

“Portugueses” e “espanhóis” no cotidiano da fronteira

As próprias classificações nacionais cotidianas estão ancoradas em práticas sociais vivenciadas e recordadas pelos moradores fronteiriços. Na coletânea *O contrabando na fronteira luso-espanhola*, o artigo de Valcuende Del Río e Cáceres Feria (2009) aborda o campo específico das representações que os espanhóis faziam dos portugueses nos cenários das fronteiras do contrabando: “na fronteira ‘ser do campo’, viver isolado fora dos núcleos urbanos, tornou-se sinônimo de ‘ser português’ e isso se associou a ‘ser contrabandista’” (VALCUENDE DEL RÍO; CÁCERES FERIA, 2009, p. 213). Essa reflexão é feita a partir de um contexto de fronteira do lado espanhol – povoados fronteiriços da Província de Huelva, Comunidade Autónoma de Andaluzia.

Conforme alguns pesquisadores, a identidade nacional nestas localidades limítrofes é uma fronteira simbólica que atravessa e divide as diversas práticas culturais e as falas

cotidianas dos moradores, permeadas de estereótipos. Nesse sentido, Amante (2007) visa a problematizar a relação entre cultura de fronteira, identidade local e nacional na fronteira luso-espanhola, particularmente no setor da raia entre a Beira Interior (Portugal) e a Comunidade Autónoma de Castilla y León (Espanha). A tese da autora é que, apesar das misturas culturais e das especificidades locais, a região de fronteira é um lugar de formação de identidades nacionais contrastivas. A existência de uma cultura de fronteira não significa que haja uma identidade fronteiriça única e nem que a identidade local seja mais determinante e expressiva que a identidade nacional (AMANTE, 2007).

A identidade raiana se constrói por meio de narrativas pessoais que remetem ao passado das práticas de travessia de mercadoria entre os controles estatais e da emigração arriscada e “clandestina” para a França. Assim, a autoidentificação como raianos, especialmente do lado português, foi se expressando por intermédios dos qualificativos de hospitaleiros, aventureiros, destemidos e valentes. Tudo isso entrelaçado pelas narrativas de um passado de dificuldades e os relatos heroicos de como venceram os obstáculos e perigos do “contrabando” e da emigração “clandestina”.

As identidades nacionais se expressam, por sua vez, por meio de diferenças entre “nós” e os “outros” nas diversas situações e narrações cotidianas do passado e do presente. As imagens negativas e positivas no espelho do outro refletem várias polaridades adjetivadas – “portugueses mais pessimistas” e “espanhóis mais alegres”, “portugueses desorganizados” e “espanhóis organizados”, “os portugueses são mais trabalhadores que os espanhóis”, “portugueses vivem em casa” e “espanhóis nas ruas, nos bares e restaurantes” etc.³ – que marcam diferenças simbólicas importantes entre essas populações pertencentes a dois Estados nacionais. Nos relatos dos interlocutores desses pesquisadores, os portugueses dessa região de fronteira se consideram e são reconhecidos pelos espanhóis vizinhos como “mais corajosos que os espanhóis”, especialmente em referência à “capeia” (corrida) de touros atualmente e ao passado de travessias arriscadas dos diversos negócios de fronteira (AMANTE, 2007, p. 268-287).

Esta mirada cotidiana para as identidades fronteiriças não impedem que alguns autores estabeleçam algumas aproximações com perspectivas históricas de longa duração e com características psicológicas presentes no ensaísmo histórico e no próprio imaginário social dos moradores portugueses da fronteira. Para a pesquisadora Amante (2007),

esta autoimagem que o português tem da sua coragem é de certa forma o resultado de toda a história da construção da identidade nacional, da capacidade de mostrar, sempre que se tornou necessário, que é possível ir mais além, superar os limites razoáveis impostos [...], enfrentar o desconhecido e triunfar. Esta herança que o povo português carrega de terem sido os portugueses descobridores de parte do mundo permanece adormecida na mente de cada um, mas é chamada a título de exemplo quando é preciso afirmar aquilo que nos aproxima e nos distingue dos outros [...]. O passado, sobretudo a referência ao período áureo dos descobrimentos, aparece como o único momento em que Portugal parece ter cumprido o seu destino (SANTOS, 1994 apud AMANTE, 2007, p. 274).

Desse modo, as autoimagens e representações sobre o “outro” são produtos de narrativas, relatos vividos, casos, exemplos corriqueiros que vêm à memória dos moradores

³ Essas identificações contrastivas foram apreendidas por meio de um questionário aplicado pela pesquisadora Maria de Fátima Amante em alguns povoados do concelho de Sabugal e da comarca de Ciudad Rodrigo e complementado por entrevistas e narrativas pessoais de moradores desses povoados.

entrevistados por Amante (2007), mas também de imagens mais generalizadas advindas da literatura, música, história e outras fontes escritas e orais do que é “ser português” por parte da própria pesquisadora e de alguns entrevistados.

Em suma, o que a autora ressalta ao longo do livro é que existe uma identidade raiana portuguesa e uma identidade raiana espanhola, ou seja, há uma identidade local raiana comum atravessada pelas diferenças nacionais imaginadas, representadas e reproduzidas nas relações e representações cotidianas (AMANTE, 2007).

Nessa mesma linha de raciocínio, Silva (1999) visa a pensar o nacionalismo banal ou cotidiano (BILLIG, 1995) português e espanhol expresso por meio das festas, touradas e alimentação em pequenos povoados fronteiriços entre Alentejo (Portugal) e Extremadura (Espanha). Nos relatos dos entrevistados, as fronteiras simbólicas polarizadas entre trabalho/preguiça, casa/rua, atrasado/progressista, contrabandista/não contrabandista, sério/festivo e limpo/sujo servem para construir os jogos de identidade e alteridade no cotidiano das experiências fronteiriças.

Nessa perspectiva, os portugueses costumam dizer que “os espanhóis são mais divertidos, alegres e amigos da paródia que os portugueses, o que querem é cantar e bailar batendo palmas”. Os espanhóis também são vistos de uma maneira negativa e condenatória, quando comparados com a positividade do comportamento português: “os espanhóis entram pelas casas adentro sem baterem às portas e sem pedirem licença para entrar, sentando-se a mesa a comer caso esteja posta”. Outra dimensão bastante destacada se refere à fronteira simbólica entre limpeza e sujeira. Nesse comparativo, os moradores do lado português costumam dizer que os espanhóis “são mais porcos que os portugueses”, pois “para asseio e limpeza são os portugueses, [...] na língua, no corpo e no asseio da casa”. “Os espanhóis são ‘malcriados’, dizem muitos palavrões, são sujos e não sabem se vestir” (SILVA, 1999, p. 106-113). Por outro lado, os espanhóis afirmam que “*los portugueses son muy tristes y aburridos*” e nem “*fiestas saben hacer*”. Enquanto que a autoimagem de festivos é bastante cultivada, eles costumam destacar a tristeza, formalidade e preocupação com a comida dos portugueses: “*están siempre comiendo, son como los burros*” (SILVA, 1999, p. 134) Entretanto, destacam também características consideradas positivas dos portugueses da fronteira, tais como “*portugueses más limpios*”, “*son más agradecidos*” e “tem mais habilidade para falar línguas diferentes” (SILVA, 1999, p. 145).

As formas de produção de identidades e alteridades nacionais nessa região fronteiriça se entrelaçam com fronteiras sociais, étnicas e de gênero. No momento de comparar as diferenças entre os comportamentos de portugueses e espanhóis, as barreiras ou travessias simbólicas entre as classes sociais podem ser acionadas com algo que distingue “nós” e “eles”: “o espanhol rico e o espanhol pobre falam-se todos no café ou em qualquer lado. Aqui, os ricos desviam-se dos pobres e os pobres dos ricos” (J.S., homem, apud SILVA, 1999, p. 107). A imagem negativa do “outro” é geralmente acionada pelos portugueses por meio do estereótipo de que os espanhóis são como ciganos. Nessa analogia, os espanhóis são vistos como espertos nos negócios, ladrões, velhacos, desonestos, aproximando-os de categorias sociais racializadas e estigmatizadas: “os espanhóis são maus, é uma raça aciganada” (SILVA, 1999, p. 113). Em relação ao gênero, o sinal diacrítico mais recorrente é aquele que atribui às mulheres portuguesas “bigode e pelo nas pernas”. Por sua vez, a autoimagem destas mulheres é construída no espelho da mulher espanhola, particularmente por meio da autoatribuição de que são mais trabalhadoras, cuidam da casa, são mais higiênicas e ajudam os seus maridos, enquanto as espanholas frequentemente são vistas como enfeitadas, cuidam do corpo e gostam de fumar, beber, bailar e cantar (SILVA, 1999; AMANTE, 2007). De uma

maneira contrastiva, uma mulher portuguesa entrevistada por Silva sintetiza as diferenças fundamentais entre portuguesas e espanholas na fronteira: “as espanholas [...] apreciam o corpo e a gente é a casa” (A. J., mulher, apud SILVA, 1999, p. 117).

A reflexão sobre identidade nacional na fronteira permite problematizar a relação entre cultura - identidade - território. Alguns moradores fronteiriços podem compartilhar dos significados culturais e simbólicos de uma nação e se identificar politicamente com outra, além de residirem em mais de um território nacional (HAESBAERT, 2011). No caso da pesquisa de Silva (1999), fica mais evidente o caráter conjuntivo entre território e identidade, enfatizado por alguns entrevistados. A ideia de identidade nacional pode estar muito mais marcada pelo referente lugar de nascimento do que a origem dos pais. E morar do outro lado da fronteira e falar em espanhol ou “portunhol” não significa necessariamente se identificar como espanhol: “*Yo hace muchos años que estoy aquí en España, mas soy portuguesa y seré toda la vida. (Pa’osté que és ser portugués, es nacer ahí o algo más?). Nacer ahí. (Quién nace ahí es portugués?). Claro. Y el que nace aquí no es portugués, es español. Mis hijos nacieron aquí to’os, ninguno es portugués, todos son españoles*” (I.B., mulher, 82 anos apud SILVA, 1999, p. 153).

Esses breves trechos de falas de moradores fronteiriços expressam visões mais amplas do processo de construção contrastiva de identidades nacionais nas zonas de fronteiras. Os vizinhos imediatos representam geralmente a imagem generalizada do “outro” nacional. Os moradores do lado espanhol da raia são como todos os espanhóis, assim com os portugueses da zona fronteiriça, vistos pelos moradores das localidades espanholas vizinhas. Por outro lado, os moradores fronteiriços têm, muitas vezes, amigos(as), namorados(as), esposos(as), parentes e conhecidos cotidianos que pertencem à outra nacionalidade e que não se encaixam nos estereótipos e imagens generalizantes, além de compartilharem vários códigos culturais semelhantes (VALCUENDE DEL RÍO, 1998).

Em uma região fronteiriça com tantas semelhanças culturais entre um lado e outro da fronteira, parece que se desenvolve uma espécie de “nacionalismo das pequenas diferenças”⁴ por meio da adjetivação contrastiva das interações sociais, das formas de preparar e comer os alimentos e dos diversos estereótipos comunicados de forma séria ou jocosa. O “outro” fronteiriço tem outra “maneira”, “mentalidade”, “feito” (SILVA, 1999, p. 105).

Identidade local e nacional em Barrancos

As representações sobre fronteiras e identidades entre Portugal e Espanha adquirem contornos específicos em cada região estudada. Nesse sentido, a realidade singular do pequeno povoado de Barrancos (cerca de 2000 habitantes), na fronteira entre o Alentejo português e as comunidades autônomas espanholas de Andaluzia e Extremadura, se tornou uma referência importante para a temática das identidades fronteiriças. A população de Barrancos fala uma língua própria, o *barranqueño*, e mantém múltiplos contatos com as populações espanholas vizinhas no contexto atual de integração institucional, no período das ditaduras de Salazar (1933-1974) em Portugal e de Franco (1939-1975) na Espanha e no contexto da guerra civil espanhola (1936-1939). Os significativos trabalhos de Dulce Simões buscam justamente refletir sobre as histórias e memórias da guerra civil espanhola a partir dessa comunidade transfronteiriça e assim problematizar os sentidos dos relatos atuais sobre esse passado de guerra que traduzem os elos de aproximação com a população espanhola, as solidariedades locais, as redes de parentesco de um lado e outro da fronteira (SIMÕES, 2009a, 2009b, 2007).

⁴ Alusão à expressão psicanalítica “narcisismo das pequenas diferenças”, formulada por Freud (1976), deslocada aqui para o plano coletivo dos sentimentos nacionalistas de produção de diferenças e rivalidades cotidianas.

O povoado de Barrancos também se tornou um caso exemplar para abordar questões mais gerais da identidade portuguesa e sua diferenciação com a Espanha em anos recentes. O fato de um canal de televisão ter transmitido uma tourada no contexto das festas da padroeira Nossa Senhora da Conceição em 1996 gerou toda uma polêmica nacional. Em Barrancos, os toureiros matam os touros na arena durante os dias de festa, assim com nas cidades espanholas. Portugal tem uma lei de 1928 que proíbe a matança pública do touro. Essa transmissão possibilitou um debate público nacional sobre a identidade dos portugueses de Barrancos, a questão da integração nacional e o direito à diferença de uma comunidade tradicional que pratica seu ritual de morte do touro há mais de 200 anos. Conforme Capucha (2002), a cidade de Barrancos foi vista, pela imprensa portuguesa, como mais espanhola que portuguesa e um lugar isolado de Portugal e mais integrado à Espanha.

Para Capucha (2002), a identidade local em Barrancos não é construída em oposição à Espanha e a identificação nacional dos barranquenhos não é compreendida como algo único e exclusivo. Trata-se de uma identidade fronteiriça, liminar, expressa na própria maneira de falar dos barranquenhos. Há uma anedota local que afirma que a resposta famosa à pergunta corriqueira se os barranquenhos são portugueses ou espanhóis é “sou barranquenho, coño”, evidenciando a identidade local da população desse pequeno povoado português “cercado por Andaluzia por quase todos os lados” (CAPUCHA, 2002, p. 9).

Festas, comidas, vestimentas, asseio do corpo e matança do touro são rituais e crenças importantes para pensar os processos de construção de fronteiras e identidades nacionais contrastivas nessas pequenas localidades fronteiriças. A propagação dos discursos políticos nacionalistas e das políticas de integração, divulgadas pelos centros de poder, nem sempre correspondem às realidades fronteiriças. Há fronteiras e identidades nacionais significativas e identidades locais expressivas nesses lugares vistos como espaços de efetivação do “fim ou eliminação das fronteiras políticas”. De fato, as diferenças simbólicas de identificação nacional continuam operando em todas essas regiões fronteiriças.

Considerações finais

A relação entre fronteiras e identidades algumas vezes é problematizada nas próprias situações metodológicas entre o(a) investigador(a) e os sujeitos pesquisados. Os estudiosos geralmente pertencem a um dos países fronteiriços e tanto seus olhares para o outro lado, como os próprios financiamentos de investigação por agências nacionais limitam, muitas vezes, as percepções e pesquisas sobre os “outros”.

Alguns projetos coletivos realizados na fronteira luso-espanhola apresentam justificativas sobre os limites metodológicos e nacionais do olhar sobre as zonas fronteiriças. No caso de um projeto coletivo sobre festa e fronteira, os autores assinalam “que a análise fica limitada em seu desenho original pela impossibilidade de comparação com a área limítrofe portuguesa. Apesar de ter adequado um desenho paralelo com uma equipe de antropólogos portugueses ao outro lado da fronteira, por razões alheias a nossa vontade essa investigação foi adiada” (HERNANDEZ LEÓN et al., 1999, p. 24).

Já no projeto coletivo “*El discurso geopolítico de las fronteras*”, os idealizadores da proposta apontam que a perspectiva do discurso geopolítico é fundamentalmente a partir da Espanha e que o lado português poderá ser completado a partir de outros trabalhos de pesquisa. Entretanto, esse projeto conta com alguns investigadores portugueses que apresentaram abordagens importantes a partir de documentos e trabalhos de campo em cidades fronteiriças

portuguesas (GODINHO, 2009; SIMÕES, 2007, 2009b; MARTINS, 2009).

Além disso, os estudiosos da fronteira não estão distante do jogo das classificações que costumam ocorrer no momento que estão realizando trabalhos de campo. Geralmente se apresentam e são classificados como “portugueses” ou “espanhóis”. Nesse sentido, acredito ser importante refletir sobre o lugar social e cultural dos investigadores que estudam temáticas relacionadas às identificações coletivas nas zonas de fronteiras e seus pontos de vistas específicos e situacionais. Amante (2007) faz uma breve reflexão sobre seu lugar como portuguesa realizando uma investigação sobre identidade nacional em povoados de lado português e espanhol:

Acredito que não é livre nessa questão a nacionalidade do investigador/entrevistadora: português. Não significa assumir aqui que pelo fato de estarem a ser entrevistados por um português que lhes pedia que se comparassem como grupo nacional com o grupo do próprio (pesquisador) que tenha levado as pessoas a mentir deliberadamente. Penso é que foi mais fácil para os portugueses manifestarem sua posição favorável ou desfavorável relativamente aos espanhóis por, talvez de forma inconsciente, terem expectativas de compartilhar convicções (AMANTE, 2007, p. 286).

Por último, acredito ser importante perceber as ambivalências de nossa própria condição de intelectuais fronteiriços. Os pesquisadores, às vezes, estão envolvidos diretamente em projetos institucionais de integração fronteiriça e terminam enfatizando mais suas crenças de integração do que análises aprofundadas dos diversos paradoxos que se produzem nas práticas e processos de refrenteirização e de diferenciação simbólica (KANAVAGH, 1994, 2009; LOIS, 2009). As interpretações unilaterais sobre o “fim das fronteiras” ou sobre a “permanência das fronteiras” devem ser superadas em nome das abordagens que priorizam a tensão permanente entre os fluxos e os novos controles, assim como as identificações locais, regionais, nacionais que estão sendo ressignificadas nesse contexto de mudanças inter e transfronteiriças.

Referências

- AMANTE, M. de F. **Fronteira e identidade: construção e representação identitárias na raia luso-espanhola**. Lisboa: ISCSP, 2007.
- BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998 [1969].
- BILLIG, M. **Banal nationalism**. Londres: SAGE Publications, 1995.
- BOMFIM, M. **O Brasil na América: caracterização da formação brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- CAPUCHA, L. Barrancos na Ribalta, ou a metáfora de um país em mudança. **Sociologia, problemas e práticas**, Lisboa, n. 39, p. 9-38, 2002.
- CAROU, H. C.; GODINHO, P.; PEREIRO, X. (Coords.). **Portugal e Espanha: entre discursos de centro e práticas de fronteiras**. Lisboa: Edições Colibri, 2009.
- _____. **El discurso geopolítico de las fronteras en la construcción socio-política de las identidades nacionales: el caso de la frontera luso-española em los siglos XIX y XX**. [s.l.: s.n.], 2008. Disponível em: <[HTTP://www3.unileon.es/proyectos/wwwulefhp/index.htm](http://www3.unileon.es/proyectos/wwwulefhp/index.htm)>. Acesso em: 11 fev. 2011.

_____. De las fronteras de la primera modernidad a las de la condición postmoderna: el laboratorio ibérico. In: CAROU, H. C.; GODINHO, P.; PEREIRO, X. (Coords.). **Portugal e Espanha: entre discursos de centro e práticas de fronteiras**. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

DOMINGUEZ, J. M. Presentación. In: DOMINGUEZ, J. M.; MARQUEZ, M. G. (Eds.). **Fronteras en movimiento**. Huelva: Universidad de Huelva, 2004.

DONNAN, H.; WILSON, T. **Borders: frontiers of identity, Nation and State**. United Kingdom: Oxford, 1999.

FREUD, S. **Obras completas**. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1976.

FREYRE, G. **Interpretação do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GIMÉNEZ, G. Cultura, identidad y memória. Materiales para una sociología de los procesos culturales en las franjas fronterizas. **Frontera Norte**, v. 21, n. 41, p. 7-32, jan./jun. 2009.

GODINHO, P. “Desde a idade de seis anos, fui muito contrabandista”. O concelho de Chaves e a comarca de Verín, entre velhos cotidianos e novas modalidades emblematizantes. In: FREIRE, D.; ROVISCO, E.; FONSECA, I. (Coords.). **Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimônios**. Lisboa: Nelson de Matos, 2009.

GRIMSON, A. (Org.). **Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro**. Buenos Aires: La Crujía, 2000.

_____. **La nación en sus límites: Contrabandistas y exiliados en la frontera Argentina-Brasil**. Barcelona: Gedisa, 2003.

HAESBAERT, R. Multi/transterritorialidade e “contornamento”: do trânsito por múltiplos territórios ao contorno dos limites fronteiriços. In: FRAGA, N. C. (Org.). **Territórios e fronteiras: (re)arranjos e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2011.

HERNANDEZ LEÓN, E. et al. **Fiesta y Frontera: transformaciones de las expresiones simbólicas en la franja fronteriza de Huelva**. [s.l.: s.n.], 1999.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAVANAGH, W. “Se puede quitar la puerta, pero se queda el marco”. Identidades, cambiantes y no cambiantes, em las Fronteras Europeas. In: CAROU, H. C.; GODINHO, P.; PEREIRO, X. (Coords.). **Portugal e Espanha: entre discursos de centro e práticas de fronteiras**. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

_____. Symbolic boundaries and “real” borders on the Portuguese-Spanish frontier. In: DONNAN, H.; WILSON, T. M. (Eds.). **Border Approaches: Anthropological Perspectives on Frontiers**. Lanham: University Press of America, Anthropological Association of Ireland, 1994.

LOIS, M. Practicar fronteras: turismo, geografías locales y relaciones sociales en las periferias europeas. In: CAROU, H. C.; GODINHO, P.; PEREIRO, X. (Coords.). **Portugal e Espanha: entre discursos de centro e práticas de fronteiras**. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

MARTINS, H. Nótulas sobre a vida dos indivíduos em zonas fronteiriças e sobre o conceito de fronteiras [e outras margens]. In: CAROU, H. C.; GODINHO, P.; PEREIRO, X. (Coords.). **Portugal e Espanha: entre discursos de centro e práticas de fronteiras**. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

PRATT, M. L. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. **Travessia: Revista do programa de pós-graduação em literatura, Florianópolis**, n. 38, 1999.

SAHLINS, P. **Boundaries**: the making of France and Spain in the Pyrenees. California: University of California Press, 1989.

SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, L. **Identidade nacional**: práticas e representações num contexto de fronteira. 1999. Dissertação (Mestrado em Antropologia: Patrimônios e Identidades) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Departamento de Antropologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.

SIMÕES, D. Ambiguidades e ambivalências na fronteira luso-espanhola: o caso dos refugiados da Guerra Civil de Espanha em Barrancos. In: CAROU, H. C.; GODINHO, P.; PEREIRO, X. (Coords.). **Portugal e Espanha**: entre discursos de centro e práticas de fronteiras. Lisboa: Edições Colibri, 2009a.

_____. O contrabando em Barrancos: memórias de um tempo de guerra. In: FREIRE, D.; ROVISCO, E.; FONSECA, I. (Coords.). **Contrabando na fronteira luso-espanhola**: práticas, memórias e patrimônios. Lisboa: Nelson de Matos, 2009b.

_____. **Os refugiados da Guerra Civil de Espanha em Barrancos**: a ação e o tempo do acontecimento. 2007. Disponível em: <www.dibadajoz.es/publicaciones/reex/rcex_3_2007.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2016.

SOBRAL, J. M. A formação das nações e o nacionalismo: os paradigmas explicativos e o caso português. **Análise Social**, Lisboa, p. 1093-1126, 2003.

VALCUENDE DEL RÍO, J. M. **Fronteras, territorios e identificaciones colectivas**. Sevilla: Fundación Blas Infante, 1998.

_____; CÁCERES FERIA. Vivendo de la frontera: redes sociales y significación simbólica del contrabando. In: FREIRE, D.; ROVISCO, E.; FONSECA, I. (Coords.). **Contrabando na fronteira luso-espanhola**: práticas, memórias e patrimônios. Lisboa: Nelson de Matos, 2009.